

# A semiótica de Peirce e a ficção de Borges: uma teia de inquéritos espelhados no poder sígnico (Parte I)



*Fernando Andacht*

*Pós-doutor em Comunicação e Informação pela  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Professor da Universidade de Ottawa (Canadá)  
E-mail: fandacht@uottawa.ca*

**Resumo:** Neste artigo buscamos uma compreensão sobre o mundo dos signos. Mais precisamente os processos de criação e da mudança de sentidos pelos quais os humanos passam todos os dias, tendo como base as obras de Charles Sanders Peirce e Jorge Luis Borges que, mesmo com seus trabalhos frutos de diferentes pesquisas, convergem em diversos momentos para as mesmas questões sobre o signo. Chegando à consideração que alcançamos ao fim deste paper: Borgpeirce, que consideramos como um só personagem, serve como fundamento para um maior entendimento dos processos humanos de significação.

**Palavras-chave:** Significação, semiose, rede de signos, Peirce, Borges.

*La semiótica de Peirce y la ficción de Borges: una encuesta red reflejado en el Poder sígnica (Parte I)*

**Resumen:** En este trabajo buscamos una comprensión del mundo de los signos. Más precisamente, los procesos de creación y cambio de direcciones mediante el cual los seres humanos pasan todos los días, a partir de las obras de Charles Sanders Peirce y Jorge Luis Borges que, incluso con los frutos de su trabajo en diferentes estudios convergen en varios momentos para mismas preguntas sobre el signo. Venir a la consideración llegamos al final de este artículo: Borgpeirce, que consideramos como uno de los personajes, sirve como la base para una mayor comprensión de los procesos humanos de significación.

**Palabras clave:** Importancia, semiosis, red de signos, Peirce, Borges.

*The semiotics of Peirce and the fiction of Borges: a network of investigations mirrored in signic Power (Part I)*

**Abstract:** In this paper we seek an understanding of the world of signs. More precisely the processes of creation and change of meanings by which humans pass every day, based on the works of Charles Sanders Peirce and Jorge Luis Borges that even with the fruits of their work in different studies converge at various times for same questions about the sign. Coming to the consideration we reach the end of this paper: Borgpeirce, which we consider as one character, serves as the foundation for a greater understanding of the human processes of signification.

**Keywords:** Significance, semiosis, web of signs, Peirce, Borges.

Em todos os lugares o fato principal é o crescimento e o aumento da complexidade (CP 6.58).

[O tempo] sonhou com a enumeração que os especialistas chamam de caótica e que, de fato, é cósmica, porque todas as coisas estão unidas por laços secretos (III: 471).

## A rede trifurcada e um inquérito que evolui no universo do signo

Ao invés de tentar identificar as influências filosóficas ou os ecos conjunturais do fundador moderno da semiótica na obra do escritor argentino Jorge Luis Borges, o artigo procura apresentar as afinidades entre dois pensadores que embarcam em uma ousada e longa vida - mais de meio século, em ambos os casos. Este trabalho tem em seu centro uma exploração inicial dos sistemas de signos.

Os meandros das vastas construções arquitetônicas levantadas pelo lógico norte-americano Charles Sanders Peirce podem

ser articulados para explicar a criação e mudança de sentido em um ser humano, que em um nível cósmico, pode ser proveitosamente revisitado a partir da perspectiva dos ensaios, poemas e contos criados pelo intelectual latino-americano em sua busca interminável de formas de representar as formas de representação, tanto na vida quanto na arte.

Buscando um contraponto entre as principais noções de Peirce, fundamentais para o caráter sistemático da semiótica, de um lado,

*A fim de levar a cabo sua investigação semiótica, nem Peirce nem Borges recorrem a qualquer tipo de equipamento ou instrumento específico*

e, do outro, algumas idéias fundamentais e recorrentes no *corpus* constituído de alguns dos escritos de Borges (1928-1985) que desempenham um papel decisivo na construção de seu universo literário particular.

Assim o sinequismo, a causação final, e o reino de semiose autônoma pelo qual os signos crescem e se tornam mais complexos são discutidas em termos de algumas alegorias, enredos e imagens intimamente associados com o nome do escritor. Muitos desses textos literários são organizadas em torno de um sinal tipicamente borgeano intrigante, aparecendo ora no título de um poema, em um ponto de viragem do enredo de uma ficção, ou no argumento de um ensaio, notoriamente privilegiado por Borges em suas reflexões sobre sistemas de signos, ou seja, “a rede” (“la trama”).

O final deste artigo busca uma visão mais rica tanto da semiótica de Peirce quanto da textualidade de Borges, dois pensadores muito diferentes, mas consoantes na coordenação

de formas de contabilizar a circulação e o crescimento sistemático do sentido, bem como para suas profundas consequências sociais e culturais. Borges e Peirce podem ser considerados companheiros de viagem na longa investigação de uma solução para um problema que tem assombrado a humanidade por mais de dois mil anos: como explicar a inseparável “mistura de constrangimento e liberdade” de tudo o que “é”, para usar os termos de Peirce, ou como Borges colocou, como perceber que tudo faz parte da “teia que varia ao longo do círculo sem começo nem fim”.

### Um nome para dois cyberborgs magistrais

Para descrever a viagem fascinante pelo pensamento feita por um escritor sul-americano Jorge Luís Borges (1899-1986) e um lógico norte-americano Charles S. Peirce (1836-1914) vou seguir uma prática empregada pelo próprio Borges na assinatura de textos conjuntos com seu compatriota Adolfo Bioy Casares, a utilização de um nome composto – no caso da dupla, Bustos Domecq. Penso, portanto, que seria mais adequado referir aqui as aventuras de um navegador na teia sempre em evolução do significado, ou semiose, chamado “Borgpeirce” (ver diagrama III).

Como se pode fazer justiça à obra de Borgpeirce, ao trabalho desta *persona* complexa, que tenta se descrever aqui no intuito de tecer afinidades, simetrias, coincidências e variantes elaboradas a partir de seus escritos, que variam ao longo de um século de textos? Como fazer isso, sobretudo se somarmos o tempo que cada um deles dedicou a esse próprio esforço? Para este navegador de sinais, “Borgpeirce”, um pressuposto central é que viver significa sempre habitar e mover-se entre os sinais. Significa também a comportar-se à maneira de um caleidoscópio, ou seja, reorganizando e contemplando a infinita combinação de séries sígnicas que encontramos na carne ou na imaginação. A complexidade dos sis-

temas de signos decorre da natureza autônoma dos signos e do caráter sógnico que os seres humanos assumem em suas relações mais ou menos bem-sucedidas com a atividade de sógnica.

Para ser ou tornar-se um “cyberborg”, outro termo que gostaria de usar para descrever em termos gerais o tipo de pensador discutido aqui, o “Borgpeirce”, é necessário reconhecer a virtualidade e a continuidade de significados, a importância central do crescimento do signo e da complexidade crescente no nosso universo de signos. A lição que o “cyberborg” nos dá é que, para realmente aprender, é preciso aprender a se tornar um com o fluxo de signos, e deixar de lado momentaneamente, ou até esquecer, o que diz respeito somente ao indivíduo, o que é pura isolada e isolante força de vontade, em oposição ao poder de entendimento que tende a abraçar tudo, e excluir nada.

E isso não é apenas uma questão de generosidade ou de altruísmo por parte do “Borgpeirce”, mas se relaciona com a auto-anulação inevitável de suas obras. Ou, para colocar em outros termos, é uma parte vital de seus projetos separados, mas teleologicamente harmoniosos permitir o *self* para se tornar “melhorado e aumentado”<sup>1</sup> em sua coordenação com os outros, isto é, com os signos do mundo e com os de sua comunidade.

Normalmente, a obra de Borges não é vista como um projeto científico, do mesmo modo que a não se entende como escrita literária as reflexões semióticas de Peirce. Proponho, no entanto, que se pense seus signos coordenadamente. Assim, pretendo realizar uma das mais básicas e gerais propostas de Peirce, a saber, a realização do objetivo de sua doutrina científica da continuidade ou sinequismo. Passo a citar e parafrasear parte de um texto em que o lógico de Milford prevê que, “se essa ciência chamada sinequismo for aceita de maneira geral (...) pode desempe-

nhar um papel na unicidade de [literatura] e ciência (CP 7.578).”<sup>2</sup>

Assim, mesmo com as convenções acadêmicas, prosseguirei com o procedimento articular, em uma *persona*, o trabalho de Borges, de um lado e de Peirce, de outro. O que anima os argumentos seguintes é esta *persona* conjunta, esta complexa criatura, feita de semiótica, de literatura e vida, que batizei “Borgpeirce”, um membro notável da classe dos “cyberborgs”. Junte-se a mim, então, no curso de seus signos caleidoscópicos.

### Fazendo metodêutica com Borges e Peirce: rumo a um inquérito no coenocaleidosópico

Essas observações [normais] vivem escapando do olho destreinado, precisamente porque elas permeiam toda a nossa vida, assim como um homem que nunca tira os óculos azuis e logo deixa de ver o tom azul (CP 1.241).

O Universo é um de seus nomes [a teia] / Ninguém nunca viu / e ninguém pode ver qualquer outra coisa (Fragmento de “The Web”, III: 313).

A fim de tornar realidade a promessa de levá-lo através de parte da obra de Borges e de Peirce, como se formasse uma única obra, embora complexa, vale apresentar o tipo de exploração sógnica desenvolvida no trabalho do semiótico e do escritor, coordenadas de acordo com as ‘repetições, as variantes, as simetrias’“(II: 171)<sup>3</sup> que eu encontrei em seus escritos. A fim de levar a cabo sua investigação semiótica, nem Peirce nem Borges recorrem a qualquer tipo de equipamento ou instrumento específico, uma vez que este

<sup>2</sup> Vou seguir a convenção de mencionar Peirce com o “C. P. [x.xxx]”, notação que se refere ao volume e número, nos *Collected Papers* de Charles S. Peirce (1936-1958) de edição, por C. Hartshorne, P. Weiss e A. Burks. Cambridge: Harvard University Press.

<sup>3</sup> J. L. Borges é citado na *Obras Completas I-IV*, Buenos Aires: Emecé (1996). Indicado assim Vol: página. Todas as traduções são minhas.

<sup>1</sup> Estes são os termos que Corrington (1994, p. 88) usa para descrever os efeitos semióticos de uma obra de arte.

pertence às instâncias da Idioscopia, termo cunhado pelo pensador utilitarista Jeremy Bentham para descrever os métodos das ciências especiais, como biologia ou astronomia (CP 8.199).

Bentham é também o pai intelectual da noção correlativa de *coenoscopia* (CP 1.241 n.1). É a ligação de duas palavras gregas, o “comum”, “ordinário” ou “diário” (*koinós*), juntamente com o verbo “olhar para”, no sentido de “contemplar alguma coisa” (*scopéin*). Esta expressão, bem como os adjetivos derivados, encontra-se repetidas vezes em Peirce quando descreve o tipo de observação cuidadosa e sistemática que subtende sua busca por diferentes tipos de atividade sêmica ou semiose pelo mundo, seja factual, imaginativa, linguística ou cosmológica. Em todas essas ocasiões, as abordagens de Borges e de Peirce podem ser descritas como adequadas para a lógica, uma das três ciências normativas, ramo da filosofia, que faz uso de *coenoscopia*. Isto nos leva à questão do método.

Torna-se necessário, nesse aspecto, trabalhar brevemente a questão da metodêutica, termo cunhado por Peirce (CP 2.93) para o ramo científico que trata das formas mais confiáveis de descobrir a verdade sobre alguma coisa. Em termos semióticos, a metodêutica é definida muito cedo em sua obra como “a doutrina das condições gerais da referência dos símbolos e outros signos para os Interpretantes que visam determinar” (CP 2.105). A investigação é, portanto, associada com o ato de aprender a compreender a produção de significado por signos.

Não um lógico ou matemático treinado, Borges nunca estabelece qualquer princípio para a realização de uma investigação. No entanto, desde seus primeiros ensaios (por exemplo, “The Language of the Argentinians” (1928) ou na coleção intitulada “A história da eternidade”, 1939), até suas ficções tardias (por exemplo, “O Congresso”, em “O livro de Areia”, 1975) o escritor argentino dedicou-se a uma reflexão sobre a ver-

dade, sobre o comportamento humano, e na beleza que faz honra aos que o semioticista norte-americano dedica ao avanço das três ciências normativas: estética, ética e lógica (CP 1.573).

Enquanto Peirce reconhece e lamenta um pouco tarde em sua vida sua negligência com relação à estética<sup>4</sup>, ciência normativa cuja definição que ele propõe como “a teoria do próprio ideal, a natureza do *summum bonum*” (CP 1.573, c. 1906), muitos dos textos de Borges não são nada além de reflexões elaboradas sobre a natureza daquilo que sentimos, e que recebe o nome de estética, não só no campo da textualidade literária, mas também no domínio da vida em geral.

Para esta discussão, este fato pode ser considerado como uma espécie de movimento compensatório ou mesmo complementar dos dois “cyberborgs”. A dúvida de Peirce sobre o que poderia ser a melhor tradução possível do próprio objeto da estética nos leva direto a uma das questões centrais envolvidas na coenoscopia. Como ele descarta, uma após a outra, várias noções possíveis que poderiam fazer sentido, o semioticista tenta explicar por que é tão difícil encontrar o termo correto para descrever a questão com a qual esta ciência chamada “estética normativa” deve lidar. Ao rejeitar um dos candidatos mais óbvios para este trabalho e, em seguida, se contentar com um termo grego com um passado ilustre, *kalós*, ele escreve:

A beleza é ruim; porque um modo de ser *kalós* depende essencialmente da qualidade sendo não-belo. Talvez, no entanto, a frase “a beleza do não-belo” não seria chocante (CP 2.200).

Na verdade, como podemos perceber o que se tornou tão comum a ponto de ser invisível ao olho? Como algo pode vir a ser problemático, apesar de sua aparente normalidade, na composição da base da nossa

<sup>4</sup> Em 1902, Peirce confessa ser “lamentavelmente ignorante” (CP 2.120), também em CP 2.199.

vida cotidiana? Se alguém toma a sério a advertência de Peirce sobre nossas incapacidade de observar com mais cuidado o que sempre está ao nosso redor, como descobrir o ponto em que alguém se torna cego pela rotina? Como um “cyberborg” realmente supera a anestesia local de sua própria cultura? Em um par de textos borgeanos podemos encontrar algumas pistas interessantes nesse sentido metodêutico.

Trabalhando a antiga questão da atividade literária referente ao problema dos clássicos, Borges surge com uma surpreendente e, como de costume, esclarecedora resposta: “Até por volta de 1930 (...) achei belo ser um desses privilegiados autores; agora eu sei que isso é comum e que está à espreita nas páginas fortuitas da mediocridade ou em uma conversa de rua” (II: 152, “Sobre os clássicos”). Uma espécie de aporia ou contradição parece seguir a partir do texto citado: como pode ainda ser uma criação verdadeiramente “mediocre” alguma coisa considerada bonita?

Mais tarde, podemos postular este problema como o movimento cósmico de uma visão dualista ou “anancástica” do universo, para um triádica ou “agapística”. Nada no mundo da literatura parece ser ou permanecer totalmente inútil, uma vez que, com o passar do tempo e com a crescente complexidade dos signos, até mesmo o aparentemente trivial ou obscuro pode vir a ser interpretado como altamente significativo ou sugestivo, e assim, ser um clássico potencial ou uma obra clássica *in nuce*.<sup>5</sup>

A solução de Borges para esta questão, se assim se pode chamá-la, é aceitar a falibilidade humana: nossa ignorância de uma determinada linguagem – malaia ou húngaro

são os seus próprios exemplos – e da tradição literária que vem inseparavelmente com esses signos pode bloquear o nosso caminho de investigação. Este mero acidente humano ou erro não pode nos fazer julgar por eternamente bom, verdadeiro, ou *kalós*, o que nada mais é que uma moda passageira, um momento de fuga na cristalização da opinião pública.



*“Todas as coisas estão unidas por laços secretos” (III: 471).  
Esse é o trabalho de signos no universo e também o nome do problema*

O que parece eterno no âmbito de vinte séculos, pode parecer inconstante, se considerado à luz da eternidade. “Clássico não é um livro... que necessariamente tem tais e tais méritos; é um livro que gerações de homens, movidos por razões diferentes, leram com entusiasmo e com uma lealdade misteriosa” (Borges, II: 151).

Pode-se dizer com Bateson que “a relação vem em primeiro lugar; precede” (1980, p. 147). Nunca é uma força imanente, mas um poder relacional o que explica a boa ou má sorte de um signo, de uma nação, ou mesmo de toda a sua cultura. Este é o primeiro passo no sentido de introduzir o conceito de teia, esse processo de evolução da semiose, nas palavras de um ou de outro dos “cyberborgs” aqui reunidos.

Encontrar um método de pensar e escrever que não vai criar “barricadas na estrada da descoberta” (CP 6.60) é precisamente a tarefa perseguida por Borges e Peirce separada, mas coordenadamente. Para embarcar nesta viagem, é necessário reconhecer que “o fio da vida” (CP 1.337) é um dos que está cada vez

<sup>5</sup> Talvez a melhor ilustração dessa doutrina em Borges é a descoberta do Aleph, na história que leva esse título. Esse objeto redondo pequeno em que todos os pontos do universo convergem e podem ser olhados, transforma-se em uma epifania como forma no mais improvável de todas as circunstâncias possíveis. O narrador é levado a ela por um escritor grotesco cujo trabalho é apresentado várias vezes como o epítome de tudo o que pode ser ridículo e risível mesmo insignificante na literatura (por exemplo, I: 619-621).

mais complexo, uma vez que, como Borges escreve, “todas as coisas estão unidas por laços secretos” (III: 471). Esse é o trabalho de signos no universo e também o nome do problema, que pode nunca ser totalmente resolvido, mas que nunca pode ser abandonado, se inquerir é existir entre nós.

Este inquerito ou busca pelos *kalós* em Peirce, e para o estranho/*unheimlich* em Borges, como veremos na próxima seção, inicia-se com o que é mais comum, mas que instantaneamente deixa de sê-lo, uma vez que esta qualidade é revelada a nós, eu denominei o método da coenocaleidoscopia. Procurar

*Mesmo que essa  
revelação nunca  
ocorra, a promessa  
é poderosa o  
suficiente para  
tornar as relações  
ineficientes eficientes*



por “uma qualidade que é, em sua presença imediata, *kalós*” (CP 2.199), implica na busca do comum a fim de descobrir uma qualidade que muda constantemente que orienta o caminho de toda a semiose.

Em sua freqüente utilização aparentemente aleatória e caótica de séries de signos, Borges, na análise de Molloy (1979, p. 174), “implora para as brechas da sucessão escassa e não perde a chance de parar neles, a fim de fazer uma consulta sobre a primeira”. Isso pode ser entendido como uma descrição concisa e certa do método coenocaleidoscópico usado tanto por Peirce quanto por Borges para descobrir a verdade, a beleza e o tipo de auto-controle, único comportamento adequado em uma vida de crescente razoabilidade.

## O estranho e os *kalós* ou como Deus se esconde nas fendas da teia

[O] breve detalhe circunstancial, a interpolação [são] talvez os dois recursos que dão a Borges - como escritor ou como leitor - o grande prazer. Interpolar não é nomear: é sim trabalhar contra o que poderia corrigir o nome, para abrir uma brecha em uma série previsível (Molloy, 1979, p. 171-172).

Ao refletir sobre as traduções das *Mil e uma Noites*, Borges tem por objetivo apontar para o exame das soluções empregadas por um tradutor em particular, o alemão Enno Littmann, cujo trabalho, escreve, é “sempre lúcido, legível, medíocre” (I: 411), embora de acordo com a Enciclopédia Britânica, Borges observa, sua versão é “a melhor de todas as que circulam”. Borges comenta sobre o problema do “estranho” no universo narrativo do trabalho árabe clássico, aquele em que “o acaso jogou com simetrias, contraste e digressão”. O escritor argentino acaba se perguntando sobre o resultado conjuntural de uma tradução virtual, que seria feita por “um Kafka, que organizou e enfatizou esses jogos, que os refizeram de acordo com o viés alemão, de acordo com o *Unheimlichkeit* da Alemanha?” (I: 412).<sup>6</sup>

Em outro texto, Borges (II: 107-108) tenta traçar a genealogia do termo “estranho” até “Vathek”, um trabalho bastante obscuro de William Beckford onde, “o primeiro inferno realmente atroz da literatura” aparece. Ainda em um terceiro texto, Borges (II: 73), dá conta da estranheza em algumas das criações de Chesterton, onde o escritor inglês “define o próximo por meio do distante e até mesmo por meio da atrocidade”, embora o criador do Padre Brown “defende-se de ser Edgar Allan Poe ou Franz Kafka” (*ibid*).

<sup>6</sup> Eu tirei muitas sugestões de tratamento deste ponto na obra de Molloy (1979, p. 137-148). Ela se questiona sobre a possível relevância da elaboração freudiana dessa noção, apesar das críticas que Borges mira contra o teórico da psicanálise.

Há um tom óbvio de admiração, em todos estes casos, pela qualidade de estranheza ou “Unheimlichkeit”, para o objetivo supremo de contemplação para o qual muitos dos próprios textos de Borges parecem orientar-se infalivelmente. Como um exemplo fundamental, evoco uma passagem da escrita inicial de Borges. No final de “A história da eternidade” (I: 365, 1939),<sup>7</sup> encontramos uma reflexão sobre o “estranho” como o elemento que fornece a qualidade de todas as qualidades, o *kalós* de existência, componente supremo ou absoluto da realidade. Curiosamente, ele vem através da interpolação de uma experiência do autor que guarda semelhanças com o misticismo, pertencente a uma das suas publicações mais antigas:<sup>8</sup> Borges fala sobre como se perdeu de propósito, como tentou andar sem rumo, ao acaso, para passear entre as ruas de Buenos Aires, e como finalmente acabou no lado escuro da cidade, perto, mas ainda muito longe da residência que passou sua infância:<sup>9</sup>

Ainda assim, uma espécie de gravitação familiar me levou para alguns bairros, cujos nomes eu sempre quero recordar e que o mantenho reverência em meu peito. Eu não quero dizer assim, meu bairro, o domínio preciso da minha infância, mas ainda misteriosa periferia: a fronteira que eu ter possuído inteiramente em palavras, mas pouco em fato real, vizinhança e mítica de uma vez. *O reverso do familiar, sua parte traseira [el revés de lo conocido, su espalda]*, são estas ruas penúltimas para mim, quase como efetivamente ignoradas como os motivos subterrâneos de minha casa ou nosso esqueleto invisível (I: 365 –myemph. F. A.).

Que tipo de método é então esse atribuído aos pensadores reunindo Borges e Peirce,

<sup>7</sup>Veja também o fim de 1975 história “O Congresso” (II, 31).

<sup>8</sup>Ele apareceu pela primeira vez em *A Linguagem Dos Argentinos* de 1928. E ela reaparecerá, ligeiramente alterada, por volta de 1975, na história “O Congresso”.

<sup>9</sup>Vale a pena comparar esta cena com o momento clássico descrito em “O Aleph”, especificamente, com o que o narrador finalmente consegue ver quando ele se acomoda na escuridão quase completa do porão (esp I: 625).

os “*cyberborgs*” cujo trabalho estou pensando à luz da semiótica? Para traçar a qualidade que nos permite compreender a realidade em sua forma mais básica, no nível puramente qualitativo – a primeira categoria da experiência – é preciso deixar-se perder em meio ao óbvio, o familiar, a fim de tornar-se consciente de que tonalidade azul ao nosso redor que nossos “óculos de cor azul” vêm escondendo de nós.

A familiaridade não só gera o desprezo como também bloqueia o inquerito; a lógica e a literatura, tais como são vistas por estes dois exploradores do auto-governo dos signos, visam a revelação através desta entrada improvável. Os *kalós* Peirceanos e a estranheza Borgeana tendem a coincidir: “a beleza do não-belo” (CP 2.199), não pode ser uma fórmula ruim para descrever o domínio da estética, afinal.

A estranheza ou o “*Unheimlich*” é uma qualidade para a qual não é necessário nenhum instrumento especial de observação, uma vez que o método se satisfaz com a observação do comum e registrando o incrível, que permite a inclusão de uma parte da novidade no processo de generalidade, tendência construída por símbolos. O que o semiótico postula como o domínio da estética, a qualidade chamada *kalós*, que justifica todas as investigações humanas, e que corresponde à descrição que o escritor argentino dá do que faz de um texto um clássico, nunca é um elemento concreto no seu interior, imanente e secreto, mas sim o contrário.

Em textos e na vida, interpretados como um diálogo interminável de signos que, como tal, evoluem juntos,<sup>10</sup> e em cuja atividade nos tornamos o que somos enquanto tentamos chegar a uma verdade provisória, falível, mas preciosa, uma vez que há sempre a promessa da semiose na vida como uma revelação iminente. Mesmo que essa revelação nunca ocorra, a promessa é poderosa o suficiente para tornar as relações ineficientes eficient-

<sup>10</sup>“Esse diálogo [entre livro e leitor] é infinito” (II: 125).

tes. Em boa pragmática, depois de enumerar alguns segundos, como exemplo, alguns artefatos concretos do nosso mundo humano cuja função de orientação de dos signos para a busca estética, assim como “música, os estados de felicidade, a mitologia, os rostos trabalhados pelo tempo, certos crepúsculos certos lugares” (II, 13), Borges explica que o traço comum entre esses elementos é o fato de que todos:

querem nos dizer alguma coisa, ou eles nos disseram algo que não deveríamos ter perdido, ou estão prestes a nos dizer alguma coisa; essa iminência de uma revelação, que não se realiza, é, talvez, o ato estético (II: 13).

Uma revelação iminente, um significado que, com sua ocorrência, encerraria todos os significados futuros, mas que nunca, compreensivelmente, pode ocorrer, ainda cria um senso de *kairós*, o “tempo fora do tempo”, precisamente a qualidade suprema de uma experiência para a qual Peirce acredita que não há signo melhor do que “*kalós*” (CP 2.199).

Ainda sem este limite de vida que nos espera para sempre, embora essencial e incompreensível, não haveria pesquisa, e a realidade seria “anacasticamente” congelada, morta, sempre quieta e externa para esta jornada chamada *semiose* que não possui dentro ou fora, mas que consiste em uma viva e crescente relação de signos em um “teia incessante”, para usar o termo de Borges (II: 482) para descrever o universo.

Em um comentário sobre o tipo de cosmologia e epistemologia adotada pelo lógico, e sem a qual pouco sentido pode ser feito de sua semiótica, Hausman e Anderson (1994: 834) afirmam que “ao que a evolução se desenvolve em direção é de fato um ideal. No entanto, Peirce refere-se ao ideal como no futuro infinito”. Em apoio da sua posição, citam a crença de Peirce na “razão [ser] algo que nunca pode ter sido completamente incorporada” (CP 1.615).

Na mesma linha, Colapietro (1991, p. 431) escreve sobre o ponto do pragmatismo algo

similar à sempre postergada descoberta da meta estética de Borges, como o próprio funcionamento do *kalós*:

O caráter de realidade é vislumbrado - e talvez é nunca mais do que vislumbrado - apenas quando levamos em conta a totalidade dos nossos engajamentos. ... Somente quando refletimos sobre como o mundo se revela a nós em uma variedade de contextos - o mais importante, a política, o moral, o religioso, o artístico, o estritamente prático e o formalmente teórico - estamos em uma posição para começar a moldar o que poderia aproximar, ainda que remotamente, uma concepção adequada da realidade.

A *semiose* deve, portanto, ser interpretada como um interminável *strip-tease*, em que os sinais de fato revelam parcialmente, fálivel para nós em algo, o que é suficiente para nos manter olhando para fora em busca de novas revelações que, uma vez encontradas, com certeza vai nos levar para a frente. Isso não é uma amarga ou uma decepcionante conclusão, mas o mais próximo que a ciência moderna ou literatura de todos os tempos podem chegar a uma modesta epifania.

Uma imagem disso é fornecida em uma das histórias de Borges com a qual lido em outra seção deste trabalho. Esse sentido de algo se aproximando, que só pode, por definição, tornar-se “assintoticamente” mais próxima, aparece ao final de uma história chamada “O Congresso”. O protagonista Alejandro Glencoe convida um grupo de antigos seguidores e membros de uma seita para uma curta viagem ao redor da cidade, para que todos eles possam finalmente olhar para o que “ninguém jamais viu”, embora “nenhum homem pode ver qualquer outra coisa” (III: 313).

Agora, então, vou seguir o método coenocaleidoscópico, desenvolvido separadamente mas em consonância por Peirce e Borges, a fim de olhar para o comum, a olhar para o cotidiano, a fim de descrever algumas de suas descobertas das formas de sentido.



**Um choque de reconhecimento:  
Peirce e Borges como duas moscas  
contra a superstição da personalidade**

Existem algumas pequenas particularidades que um homem pode manter para si mesmo. Ele as exagera e sua personalidade tristemente. Todos vão admitir a existência de um ser pessoal no mesmo sentido em que existe um “*sark*” (animal imaginário criado por Lewis Carrol) (CP 8, 81-82, 1891).

O grande princípio da lógica é a auto-rendição. Quando estudamos o grande princípio da continuidade e vemos como tudo é fluido e cada ponto participa diretamente do ser de todos os outros, vai aparentar que o individualismo e a falsidade são um e são o mesmo (CP 5.402, n2, adicionado em 1893).

“Uma pessoa não é absoluta e individual” (CP 5.421, 1905).

Imaginar que o Buda poderia ter se resignado a manter as características diferenciais, individuais e insignificantes que integram

a personalidade... é também a transferir - anacronicamente, absurdamente - uma superstição ocidental a um território asiático” (Borges, 1999, p. 39]

“O si mesmo é um erro, uma ilusão, um sonho. (...) Enquanto há morte no si mesmo, há a imortalidade na verdade” (*The Gospel of Buddha*, transl. by Carus (1999 [1892], 55, p. 140).

Nesta seção, seguirei os caminhos de Peirce e Borges em sua caracterização coordenada da doutrina do individualismo, do dualismo, a saber, suas críticas ferozes de uma abordagem que nos cega para a verdade e nos obriga à prisão do si mesmo isolado. Para afirmar uma visão do universo como uma teia de laços secretos, sendo sinequístico o princípio de continuidade, que implica a negação de qualquer validade para uma doutrina que “realiza a sua análise com um machado, deixando que os elementos finais, pedaços independentes de ser” (CP 7.570).

(artigo recebido out.2014/ aprovado out.2014)

(Continua na próxima edição)

## Referências

---

- ANDACHT, F. Cambalache y Primeridad *Signa*, 1996.
- ANDACHT, F. Semiosis y teleología em algunos relatos de J. L. Borges. Um encontro no fortuito entre Borges y Peirce, dos maestros de los signos del final, 1999. In *El siglo de Borges*, 1999. Coloquio de Leipzig, March. Frankfurt: Vervuert Verlag (in press).
- BATESON, G. *Mind and Nature*, 1980. A necessary unity. New York: Bantam.
- BLOOM, H. Una brújula para leer a Borges. In *Clarín. Cultura y Nación Section*, 1999, (22/8/99).
- BORGES, J. L. [2nd. ed.]. Jorge Luis Borges. *Obras Completas Vol. I-IV*, 1996, Buenos Aires: Emecé.
- BORGES, J. L. *Borges en Sur 1931-1980*, 1999. Buenos Aires: Emecé.
- CARUS, P. *The Gospel of Buddha*, 1972. Tucson: Omen Communication.
- COLAPIETRO, V. *Peirce's approach to the self*, 1989. A semiotic perspective on human subjectivity. Albany: State University of New York.
- COLAPIETRO, V. Purpose, power and agency, *The Monist*, 1992, vol. 75, Nº 4, pp. 423-444.
- CORRINGTON, R. *Ecstatic naturalism*, 1994. Signs of the world. Bloomington: Indiana University Press.
- FOUCAULT, M. *Surveillir et punir*, 1975. Paris: Seuil. References are to the Spanish trans. by A. Garzón del Camino, Vigilar y castigar, México: Siglo XXI, 1980.
- HARRIS, M. *Cannibals and kings*, 1978. References are to the Spanish trans. by H. González Trejo, Caníbales y reyes. Los orígenes de la cultura.
- HAUSMAN, C. and Anderson, D. R. 1994. The telos of Peirce's realism: some comments on Margolis's 'The passing of Peirce's realism'. *Transactions of the C. S. Peirce Society*, Fall 1994, Vol. XXX, Nº 4, pp. 825-838.
- KALAGA, W. *Nebulae of discourse*: interpretation, textuality, and the subject, 1997. Frankfurt: Peter Lang.
- LOCKE, J. *An essay on human understanding*, 1961/orig. 1689. London: J. Dent & Sons.
- MOLLOY, S. *Las Letras de Borges*, 1979, Buenos Aires: Edit. Sudamericana.
- PAPE, H. Love's power and the causality of mind. C. S. Peirce on the place of Mind and Culture in Evolution, 1996. (unpublished manuscript).
- PEIRCE, C. S. *The Collected Papers of C. S. Peirce*, 1931, p. 58. C. Harshorne, P. Weiss, and A. Burks (eds.).
- RANSDELL, J. 'Leading ideas of Peirce's semiotic', *Semiotica* 19 ¾, 1977.
- RANSDELL, J. 'On Peirce's concept of iconic sign'. En P. Bouissac et al. (eds.) *Iconicity. Essays on the nature of culture*, 1986. Tübingen: Stauffenverlag.
- RANSDELL, J. *The meaning of things*, 1992. The basic ideas of C. Peirce's semiotic (manuscript).
- RANSDELL, J. 'On the self-sufficiency of the semiosis process', In *Peirce Telecommunity Project* (1996). (<http://www.door.net/arisbe>).
- WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*, 1963. Bilingual edition trans. by G.E.M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell.